

Antologia de férias II - o tema da sedução na poesia medieval

David Mourão-Ferreira

Para citar este documento / To cite this document:

David Mourão-Ferreira, "Antologia de férias II - o tema da sedução na poesia medieval", *Colóquio/Letras*, n.º 166/167, Jan. 2004, p. 359-365.

ANTOLOGIA DE FÉRIAS

II – O Tema da Sedução na Poesia Medieval

FALÁMOS, na última semana, da importância do tema da Virgem na poesia medieval. Nada mais natural que falemos agora — depois de termos aludido ao papel da Mulher divina — das várias faces que apresenta, nessa mesma poesia, a mulher profana, a mulher-mulher, a mulher como objecto de sedução e de devoção, de conquista e de culto, de embuste e de idolatria... Tantas são, com efeito, as diferentes faces que a mulher exhibe — ou que os poetas a fazem exhibir —, na poesia medieval, que será impossível recapitulá-las, *todas*, numa única emissão deste programa. Assim, limitar-nos-emos, hoje, ao tema da sedução — o qual implica, evidentemente, os da conquista e do embuste. E deixaremos sobretudo que os textos falem por si próprios — e que lhes falem já, desta vez, com uma voz, com uma entoação, e até com uma intenção, que principiam a ser-lhes familiares...

Uma das primeiras composições em que nos aparece, na poesia medieval, o tema da sedução, é uma poesia anónima — do século x ou do século xi —, escrita originariamente em latim e que se encontra recolhida nas *Cambridge Songs*, cancioneiro de poesia latina medieval no género dos *Carmina Burana*, embora menos importante que esta última colectânea. Ouçamos pois o que nos diz esse anónimo poeta — provavelmente um monge, um monge vagante, mas *ainda não* um goliardo — que terá vivido, algures na Europa, há cerca de um milhar de anos:

*Vem agora, doce amiga,
a meu coração tão cara!
Vem agora a minha casa,
para ti toda enfeitada...*

*Há véus que pendem do tecto;
e há cadeiras, e almofadas;
e também não faltam flores,
por entre ervas perfumadas...*

*A mesa já está servida,
de iguarias carregada;*

*e haverá límpido vinho,
e tudo o que mais te agrada...*

*Ouirás, ao som da flauta,
doces músicas tocadas;
por um moço e uma donzela
belas canções entoadas...*

*Ele canta ao som da cítara,
ela na lira embalada...
E os servos trazem taças
com bebidas aromáticas...*

*Vem agora, minha irmã,
acima de tudo amada,
ó clara luz dos meus olhos,
parte maior da minb' alma!*

Trata-se, como se viu, de um «convite» — de um «convite à valsa» (dir-se-ia aqui há alguns anos), a que não falta sequer o indispensável «acompanhamento» musical ou, pelo menos, a aliciante promessa desse «acompanhamento»... Acrescentemos apenas que nesta poesia — e noutras do mesmo teor — se faz sentir, de maneira decisiva, a influência do poeta latino Ovídio, que foi um dos autores da Antiguidade mais continuamente *presentes* ao longo de toda a Idade Média e cujas obras (incluindo a própria *Arte de Amar*) foram não só traduzidas mas também *comentadas*, com intuítos moralizadores — no propósito, evidentemente, de as fazerem *escapar* à acção vigilante da Igreja...

Mas não se julgue que tenha sido Ovídio, na Idade Média, o único mestre em tácticas de sedução... De um quadrante muito diverso — das paragens do Próximo Oriente — vieram também, através dos poetas árabes da Andaluzia, preciosos «ensinamentos» do mesmo género. É certo que são mais frequentes, nestes poetas, os exemplos em que os tais «ensinamentos» já surtiram o desejado efeito, os exemplos, em suma, do amor «realizado» — *depois* da sedução... Por isso mesmo, quando aqui passámos em revista a poesia árabe da Andaluzia, não apresentámos exemplos desses temas de «sedução»; mas isto não quer dizer que eles não existam... São apenas, como dissemos, menos frequentes. Mas lá existir, existem! Aqui temos, a comprová-lo, esta admirável composição do poeta sevilhano, do século XIII, Ibn Al-Sâbûnî, que até agora ainda não tínhamos apresentado:

*Envio-te este espelho precioso:
em seu alto horizonte
há-de surgir a curva do teu rosto,
lua de bom agouro.*

*Assim apreciarás, com visão justa,
o grau em que és formosa;
em teus olhos, assim, terá desculpa
o amor que me devora.*

*E antes a imagem tua, fugitiva,
que esse espelho reflecte!
Ao menos, mais que tu, é acessível...
E cumpre o que promete.*

Aqui, ao contrário do «convite» directo que se exprimia na anónima poesia latina do século X ou XI, aqui temos antes — e muito de acordo com o «espírito» da lírica arábico-andaluz — a sedução realizada *metaforicamente*, através de um interposto objecto — o espelho —, que serve simultaneamente de «veículo» de lisonja e de «reflexo» de uma queixa para, em conjunto, realizar com maior eficácia um propósito de sedução... Aliás, esta poesia — que me parece bastante bela — como que anuncia certos trechos da poesia barroca do século XVII — até pelo recurso ao motivo do espelho.

De qualquer modo, é na poesia dos trovadores que mais exuberantemente se exprimem certas técnicas de sedução; e, embora não seja possível discriminar o que neles se deve à influência mais que certa da poesia latina medieval e à influência provável da poesia árabe, temos de reconhecer que eles trouxeram, sobretudo, a *novidade* de um quadro campestre, ainda que estilizado, para servir de pano de fundo ao tema da sedução. É o que se verifica na seguinte canção do provençal Marcabru, onde se inserem ainda precisas e concretas referências a acontecimentos históricos contemporâneos (neste caso, as Cruzadas):

*Junto da fonte do pomar,
onde mais verde a erva está,
ali à sombra de uma árvore
com brancas flores a despontar,
por entre o canto das aves novas,
encontrei só, sem companhia,
essa que nunca me sorria.*

*Era donzela de corpo belo,
filha do dono de um castelo,
e enquanto eu imaginava,
entre a doçura do tempo novo,
que o som das aves lhe agradava,
vi-lhe mudada a cor do rosto
quando a falar me preparava...*

*Lágrimas verte ao pé da fonte;
do coração suspira fundo:
«Jesus», diz ela, «rei do mundo,
por Vós aumentam minhas dores,
pois Vos apraz que em todo o mundo
Vos vão servir sempre os melhores:
isso é que enfim mais me confunde.*

*Convosco vai o meu amigo,
bravo e gentil e audaz e rico;
mas fico eu desamparada,
só com desejo e muita lágrima.
Maldito seja o rei Luís,
mais a cruzada que ele quis
e que traz luto à minha alma!»*

*Quando a ouvi assim queixar-se,
vim junto dela, ao pé da água:
«Bela», disse eu, «tanto chorar
vai-te estragar a cor e a face.
Preciso é não desesp'rar,
pois quem ao bosque as folhas dá
inda alegria te dará.»*

*«Senhor», diz ela, «creio bem
que Deus terá de mim piedade
na outra vida, como tem
pra muitos mais e seus pecados.
Nesta, porém, deixa-me sem
aquele bem que eu mais queria:
com ele foi minha alegria.»*

Outra «novidade» que um texto como este apresenta é a de nos fazer ouvir a própria voz da rapariga, a própria voz do «objecto» da sedução — que deste modo passa afinal a ser, não apenas «objecto», mas também «sujeito» —, o que constitui uma conquista, nada negligenciável, por parte da mulher... E, finalmente, ainda mais outra «novidade»: o total «falhanço» por parte do sedutor...

Acrescentemos, já agora, no que respeita à lírica trovadoresca galego-portuguesa, que a mulher passa a assumir um papel activo de «sujeito» — em vez do tradicional papel passivo de mero «objecto» — não só em composições de tipo dialogado (como é o caso do texto de Marcabru), mas, muito especialmente, através da enorme massa das cantigas de amigo. Alguns autores — como João Garcia de

Guilhade — compõem um constante contraponto, entre a perspectiva feminina e a perspectiva masculina, por meio do recurso alternado à cantiga de amigo e à cantiga de amor. Mas é talvez Dom Dinis, em algumas das suas cantigas de amor, quem leva mais longe a tática da sedução, utilizando, por vezes, a par dos seus artifícios de poeta, as próprias vantagens da sua condição de monarca:

*Porque vos fez, ó minha amada,
o Criador tão extremada
no bem fazer e avisada,
uma verdade vos direi:
Nosso Senhor assim me valha,
seríeis boa para um rei.*

*Porque sabeis compreender
sempre o melhor e escolher,
uma verdade quero dizer,
senhora que sirvo e servirei:
se Deus assim vos quis fazer
seríeis boa para um rei.*

*Porque vos fez Deus singular
no entendimento e no falar
nem fará outra a meu cuidar,
ó maior bem que imaginei:
quisesse Deus assim gizar,
seríeis boa para um rei.*

Do mesmo Dom Dinis — e, como a precedente cantiga, também numa adaptação de Natália Correia —, talvez seja conveniente recordarmos este outro exemplo de ardilosa sedução:

*Meu Nosso Senhor sejam tu louvado
porque a minha amada comigo falou;
falar-me entendeu porque imaginou
que doutra mulher estava enamorado.
Se no meu amor ela acreditara,
sei eu muito bem que me não falara.*

*Porque me falou neste alegre dia,
sejam tu louvado meu Nosso Senhor!
falar hoje comigo quis o meu amor
quando por alguém cuidou que eu morria.*

*Se no meu amor ela acreditara,
sei eu muito bem que me não falara.*

*Porque me falou, louvarei a Deus
pois falar comigo nunca concedera
se, por sorte minha, não se convencera
que de outra nasciam os desejos meus.*

*Se no meu amor ela acreditara,
sei eu muito bem que me não falara.*

*E tanto é assim que antes se matara
do que me falar, se o imaginara.*

Enganar-se-á quem supuser que semelhante arдил — o de fingir-se enamorado duma mulher para reacender o amor de uma outra — tenha sido *inventado* pelo nosso Dom Dinis... Trata-se de um procedimento que deve vir de muito, muito longe... Se não vem desde a origem da espécie, é simplesmente porque a espécie humana, nas suas origens, tinha problemas mais graves com que se entreter... Seja como for, exactamente treze séculos antes de Dom Dinis, o nosso já muito conhecido autor da *Arte de Amar* — o latino Ovídio, a quem há pouco nos voltámos a referir — tinha concretamente aconselhado o mesmo procedimento que Dom Dinis viria a pôr em prática. Como se trata, aliás, de um trecho que nunca aqui apresentámos, talvez valha a pena — também por esse motivo — evocá-lo agora e terminar, com ele, a nossa emissão de hoje:

*Sei de algumas mulheres a quem a receosa
obediência do amante em geral aborrece:
se não tiverem, pois, uma rival p'rigosa
seu amor enfraquece.*

*A prosperidade o espírito inebria
e não é fácil um semblante igual
mostrar na alegria.*

*Um fogo já no fim, por haver consumido
seus alimentos pobres,*

*a nossos olhos torna-se invisível
sob a pálida cinza que o recobre.*

*Mas se nas cinzas tu juntares enxofre
a labareda que parecia extinta
acende-se de novo*

e dá a mesma luz que dantes tinha.

*Do mesmo modo, se o amor desmaia
no tão doce torpor da segurança,*

*deve o amante empregar agulhões penetrantes
para amor acordar da sua sonolência.
Faze que a tua amiga a cada hora tema.
Em seu coração morno acorda um vivo amor.
Faze que a face rosada perca a cor
quando louca souber
que tens outra mulher.*